

## MARIGHELLA - RETRATO FALADO DE UM GUERRILHEIRO (2001), de Silvio Tendler

Julia Porchat Knudsen<sup>1</sup>

O filme *Marighella - Retrato Falado de um Guerrilheiro*, foi escrito, dirigido e produzido por Silvio Tendler. É um média metragem de 56 minutos, lançado em 2001 pela produtora do próprio diretor, Caliban Filmes. Silvio Tendler é um documentarista que já realizou mais de 31 filmes. É conhecido por contar histórias de pessoas ligadas a movimentos sociais e acontecimentos políticos que foram importantes na história do país, como *Os anos JK – Uma trajetória política (1980)* e *Jango (1984)*.

O filme faz um panorama geral da vida de Carlos Marighella. Baiano, nascido em 1911, se tornaria o maior símbolo da resistência à Ditadura Militar. Conta desde quando Marighella largou o curso de engenharia em Salvador para militar profissionalmente no Partido Comunista Brasileiro do Rio de Janeiro, aos vinte e um anos, passando por sua prisão e tortura em 1936, em decorrência da derrota da intentona comunista. Passamos pela queda do Estado Novo, o que traz de volta à legalidade do PCB e permite a candidatura de deputado federal de Marighella, em 1946. Em 1947, o partido é proibido novamente e retorna à clandestinidade. Vemos a resistência armada à Ditadura militar de 1964 na fundação, por Marighella, da Aliança Libertadora Nacional (ALN). Sua morte, aos cinquenta e sete anos, em 1969, é causada por uma emboscada policial em São Paulo, arquitetada pelo delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), Sérgio Fleury.

O filme mostra também como as lutas por independência na África, Ásia e América Latina dos anos 50 e 60 estimularam e surpreenderam Marighella, especialmente Cuba e Argélia. O discurso de união latinoamericana anti-imperialista é abraçado pelo guerrilheiro, que então viaja para Cuba. Marighella fica amigo de Fidel Castro, além de chamar atenção de Che Guevara, como mostra o entrevistado Régis Debray, escritor, que viria ao Brasil a pedido de Che para estabelecer contato com Carlos Marighella, mas foi preso antes de conseguir.

O documentário é composto por depoimentos de cerca de 23 familiares, amigos e colegas de militância de Carlos Marighella. Somado à isso, há o uso de áudios, imagens e vídeos de arquivo, que são combinados com a narração do ator bahiano Othon Bastos.

Nas entrevistas feitas por Tendler há pouco movimento de câmera, com o enquadramento restrito aos depoentes, os planos variam de médio a próximo. Há somente o entrevistado em quadro, Silvio Tendler nunca aparece. Sua presença só se nota por sua voz, que raras vezes interfere nas entrevistas, aparentando imparcialidade. Entretanto, essa parcialidade foi feita previamente na escolha dos entrevistados : todos os depoimentos recolhidos convergem a respeito da opinião sobre

---

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Morettin, dentro do projeto “Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar” (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 163194/2015-7). Texto escrito em 2016.

Marighella. Os entrevistados exaltam sua coragem, integridade, rebeldia e inteligência, além de sua sensibilidade para poesia. Ainda, todos concordam em algum nível com as escolhas políticas do guerrilheiro ao longo de sua vida.

O depoimento que mais aparece é o de Clara Charf, viúva e companheira de toda vida de Marighella. Há também de sua irmã, Tereza, e seu filho, Carlos Augusto Marighella. Manter depoimentos de familiares e amigos próximos foi essencial, e estratégico, para trazer ao público uma faceta mais sensível e afetiva de Marighella. Faceta inédita até então, já que é o primeiro documentário já feito a tê-lo como figura central. Um exemplo desse lado revelado é quando Tereza conta como Marighella tentava preservar sua família das preocupações com ele, mentindo que não era torturado ou mal tratado na prisão, quando na verdade isso acontecia. Outro é Clara Charf relatando que, na desestalinização, a lista de crimes do governo stalinista foi divulgada e confirmada pelo Partido Comunista, chocando profundamente a esquerda brasileira. Não esperava-se tal notícia de um governo até então defendido por esses setores. Nesse dia, conforme ela descreve, Marighella chorou de desilusão, o que era raro, considerando a dureza relacionada à sua figura.

Contrastando com os depoimentos, Tandler utiliza imagens animadas e vídeos de arquivo, sempre em preto e branco, criando uma mudança tanto de cor como de linguagem em relação aos depoimentos. As imagens são fotos de Marighella e sua família, as poucas existentes, e os vídeos são de momentos históricos e reportagens, mais impessoais. As fotos são quase sempre animadas, com zooms em alguns pontos ou movimentos pela tela. Há também sobreposições animadas com matérias de jornais. Animar as imagens é uma maneira de otimizar a falta de documentos visuais de Marighella, que são muitíssimos escassos pelo grande período em que viveu clandestino.

A narração de Othon Bastos entra nesses momentos de uso de material de arquivo. Othon narra em terceira pessoa a história de Marighella, os acontecimentos políticos e pessoais. Sua narração é responsável por fornecer a cronologia do filme. Em alguns momentos específicos, narra em primeira pessoa, como se fosse Marighella, que é quando lê alguma poesia sua ou trecho de livro escrito pelo próprio. É o caso da abertura do filme, na qual ouvimos parte do livro *Manual do Guerrilheiro Urbano*, escrito por Marighella.

Áudios com a voz de Marighella são utilizados algumas vezes durante o filme, como no momento em que Marighella é eleito deputado federal pelo PCB em 1946. Seu discurso é um chamado para a democracia.

Há também uma simples animação, imagem de um muro com letras grafitadas, que dizem o tópico a ser falado durante o documentário. Othon não lê o que dizem as letras, mas é uma referência visual que situa o espectador em relação às mudanças de assunto, imagens que dialogam com um público mais jovem, familiarizado com esse tipo de manifestação artística.

As únicas imagens em movimento com Marighella presente são de seu assassinato, em novembro de 1969. Nesse chocante trecho, vemos a cena pós tiros, o corpo ensanguentado do guerrilheiro no banco de trás do fusca onde foi morto e os policiais em volta do carro. Assistimos a essa sequência de imagens acompanhados pela declamação por Othon Bastos do poema *Rondó da Liberdade*<sup>2</sup>, escrita por Carlos Marighella. É outra exceção para o uso da primeira pessoa, um momento muito impactante do filme.

A posição em que Marighella estaria na noite em que foi assassinado foi conseguida pela equipe do DOPS, coordenada pelo delegado Fleury, através de sessões de tortura com os Freis Fernando de Brito e Ivo Lesbaupin, na época companheiros de resistência de Marighella. Conforme contam, foram usados de isca para a emboscada, lamentando não terem resistido o suficiente. O filme termina com a discussão e considerações finais sobre o terrorismo de Estado consolidado durante a ditadura civil-militar no combate à resistência. Os Estados Unidos, como argumenta Emiliano José<sup>3</sup> no filme, tiveram enorme influência e responsabilidade na América Latina no treinamento e implantação de técnicas de tortura e interrogatório.

Como dito acima, o documentário trabalha com uma visão enaltecida de Marighella, sem contestações à sua figura ou trajetória política. O guerrilheiro é reconstruído como figura heróica da esquerda brasileira, como mito nacional.

O mesmo acontece no documentário *Marighella* (2011), de Isa Grinspum Ferraz<sup>43</sup>, sobrinha do próprio. Por essa razão, além de tratarem da mesma figura, esses dois filmes são bastante comparados. Essa questão da reconstituição da memória histórica nacional da época da ditadura militar e de suas figuras importantes através do audiovisual é desenvolvida e aprofundada nos artigos de Sara Feitosa, *Um personagem, três diretores, três: uma análise da trajetória de Carlos Marighella nos documentários de Tandler, Prozato e Ferraz* (2013) e de Gabriela de Souza Carvalho e Cristiane Freitas Gutfreind, “A Heroicização do Militante: o Caso Marighella” (2014).

Os dois artigos trazem a análise de que a memória é mutável, ou seja, que o que lembramos do passado não é independente do presente. Pelo contrário, defendem que evocamos e construímos as nossas lembranças em reação ao nosso contexto social, político e econômico, ao que vemos e

---

<sup>2</sup> Rondó da Liberdade / É preciso não ter medo, / é preciso ter a coragem de dizer. / Há os que têm vocação para escravo, / mas há os escravos que se revoltam contra a escravidão. / Não ficar de joelhos, / que não é racional renunciar a ser livre. / Mesmo os escravos por vocação / devem ser obrigados a ser livres, / quando as algemas forem quebradas. / É preciso não ter medo, / é preciso ter a coragem de dizer. / O homem deve ser livre... / O amor é que não se detém ante nenhum obstáculo, / e pode mesmo existir quando não se é livre. / E no entanto ele é em si mesmo / a expressão mais elevada do que houver de mais livre / em todas as gamas do humano sentimento. / É preciso não ter medo, / é preciso ter a coragem de dizer. / Por Carlos Marighella. Disponível em: [http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com\\_content&view=article&id=169:a-face-poeta-de-marighella&catid=1:historia-do-pcb](http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=169:a-face-poeta-de-marighella&catid=1:historia-do-pcb), acesso em 18/02/2016.

<sup>3</sup> Emiliano José, hoje com 70 anos, foi colega de Marighella na resistência à ditadura militar. Foi preso e torturado. Posteriormente foi anistiado e ingressou na carreira de político pelo Partido dos Trabalhadores da Bahia. Foi deputado estadual, vereador de Salvador, e deputado federal duas vezes. Também é escritor de formação e exerce a profissão. Disponível em: [emilianojose.com.br/história/](http://emilianojose.com.br/história/), acesso em 18/02/2016.

<sup>4</sup> Isa Grinspum Ferraz é socióloga, sobrinha de Carlos Marighella e diretora do documentário *Marighella* (2013), que retrata a vida de seu tio guerrilheiro. Disponível em: <http://filmow.com/isa-grinspum-ferraz-a146400/>, acesso em 18-02-2016.

fazemos. No caso de um evento traumático à história brasileira, como foi o caso da Ditadura Militar, as lembranças desse momento reagem ao trauma histórico que esse período representou, e, através desses dois documentários que relembra a história de Carlos Marighella, a memória é reconstruída buscando certo reconforto para lidar com a tragédia. Isso resultaria na glorificação da figura do guerrilheiro que observamos nos dois filmes.

Sara Feitosa afirma:

A consolidação da democracia no Brasil, que já supera os anos de duração do último período de exceção, além da ascensão eleitoral de personagens que encarnam a resistência à ditadura, parece trazer à luz a memória daquele período e daqueles que morreram pela liberdade e pela democracia. Marighella é talvez uma personagem que na última década tem ocupado lugar de destaque nesta galeria dos “novos heróis” nacionais. Invariavelmente, quando se fala de Carlos Marighella há sempre um tom mítico, heroico típico das narrativas biográficas em que a seleção de tempos fortes constrói uma personagem para o consumo midiático (...). Isso não significa, de modo algum, que os relatos sejam irreais, fantasiosos, ou algo do gênero, o que se pretende aqui é perceber as delicadas relações entre os usos das imagens históricas na construção do imaginário social. (FEITOSA, 2013, p. 1)

Cristina Gutfreid e Gabriela Carvalho complementam essa idéia de recriar a realidade com a seguinte citação de Selligman em seu artigo:

Selligmann-Silva (...) entende que “esse ‘real’ não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista”, ao contrário, deve “ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação (GUTTFREIND e CARVALHO, 2014, p. 1).

Sobre a heroicização de Marighella, acrescentam:

Os dois filmes deixam clara sua posição política e demonstram mais que um compromisso, uma obrigação de relato daqueles que sobreviveram aos tempos difíceis vividos no período ditatorial, demonstrando uma valorização e exaltação daqueles que não respiram mais, como é o caso de Marighella. Além disso, há uma defesa de interesses e ideologias que permanecem no presente (...)

Vale a leitura para compreender melhor a parcialidade dos filmes para além de uma simples escolha política e sociológica de contar a trajetória de vida de Marighella. Segundo as autoras, recontar sua história é também recontar a nossa, como faz Tandler em seu filme.

## **REFERÊNCIAS e FONTES DE PESQUISA:**

FEITOSA, Sara Alves. “Um personagem, três diretores, três: uma análise da trajetória de Carlos Marighella nos documentários de Tandler, Prozato e Ferraz”. *Doc On-line*, n. 15, dezembro 2013, p. 273 – 231. Disponível em <http://docplayer.com.br/8206461-Um-personagem-tres-diretores-tres->

[filmes-uma-analise-da-trajetoria-de-carlos-marighella-nos-documentarios-de-tendler-pronzato-e-ferraz.html](#), acesso 30/04/2016.

CARVALHO, Gabriela de Souza; GUTTFREIND, Cristiane Freitas. “A Heroicização do Militante: o Caso Marighella”. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Palhoça -SC – 8 a 10/05/2014. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0129-1.pdf>, acesso em 14/02/2016.